

DAS LETRAS ÀS CIFRAS: LITERATURA E VALORES NO SÉCULO XIX

Simone Cristina Mendonça¹

RESUMO: O estudo da literatura brasileira oitocentista nos fornece um vasto elenco de autores consagrados e de obras diversas, com destaque para os romances. A publicação dessas obras, porém, nem sempre foi tarefa fácil. Há que se lembrar, assim, do esforço do autor e das redes de relações pessoais e profissionais estabelecidas para o (e no) exercício da literatura. Para tanto, trataremos dos processos pelos quais essa literatura passava, indo do manuscrito aos leitores, comentando a situação ainda não profissional dos autores, os necessários contatos e contratos, os meios de se fazer conhecidos e as possibilidades de impressão e de venda.

PALAVRAS-CHAVE: século XIX, literatura brasileira, mercado editorial.

FROM LETTERS TO NUMBERS: LITERATURE AND VALUES IN THE NINETEENTH CENTURY

ABSTRACT: The study of Brazilian literature in the nineteenth century provides a broad list of famous authors and several works, especially novels. The publication of these works, however, wasn't always easy. It must be remembered, so, the author's efforts and networks of personal and professional relationships established for the (and in the) exercise of the literature. To this end, we will discuss the processes by which this literature passed, from the manuscript to the readers, commenting on the situation of the authors, the necessary contacts and contracts, the means of making themselves known and the possibilities of printing and selling.

KEYWORDS: eighteenth century, Brazilian Literature, editorial market.

1 Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas/Unicamp e graduada em Letras pela mesma instituição. Atualmente, bolsista do Programa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Regional, DCR, com pesquisa em andamento na Universidade Federal do Pará/UFPA, financiada pelo CNPq e pela FAPESPA. simonecristinamendonçadesouza@gmail.com

Iniciar uma discussão acerca de literatura envolvendo valores monetários pode se tornar uma atitude perigosa, que corre o risco de ser considerada quase herética, uma vez que outros valores, como os estéticos, por exemplo, é que majoritariamente são privilegiados nas reflexões literárias, com seus méritos. No entanto, o tema financeiro sempre volta à baila, em investigações de caráter histórico, em textos interdisciplinares, em especulações biográficas ou mesmo discretamente diluído em outros questionamentos.

Arriscamo-nos a escrever sobre a temática², retomando pesquisas anteriores e aproveitando a oportunidade para lembrarmos os percalços pelos quais passaram grandes autores para conseguirem publicar seus trabalhos, incluindo os investimentos financeiros. Entre os escritos de autores brasileiros, pelo menos desde o século XIX, há registros de lamentações sobre a necessidade de terem de se dedicar a outras atividades remuneradas, além de reivindicações por um melhor reconhecimento de suas produções artísticas. Não raro, sabemos, era preciso lecionar, exercer profissões burocráticas, trabalhar para o governo, ou, ainda, atuar como profissionais liberais, como médicos ou advogados, serviços dos quais dependiam os orçamentos dos escritores (Cf. BESSONE, 1999).

Embora atarefados com o exercício de suas profissões, essas, felizmente, não sufocavam os autores, que encontravam tempo para formular suas histórias, inicialmente de maneira manuscrita, e esquematizar estratégias de publicação e de venda. No período oitocentista, tempo em que a Literatura e o jornal estabeleciam estreitas ligações, era nesse veículo que muitos autores encontravam espaço para tornar conhecidos seus textos. No caso dos romances, estes, muitas vezes, vinham ao público, seccionados em capítulos periodicamente impressos. Dos chamados folhetins à edição dos romances em livros havia um caminho a percorrer, no qual a companhia de um editor seria muito bem vinda.

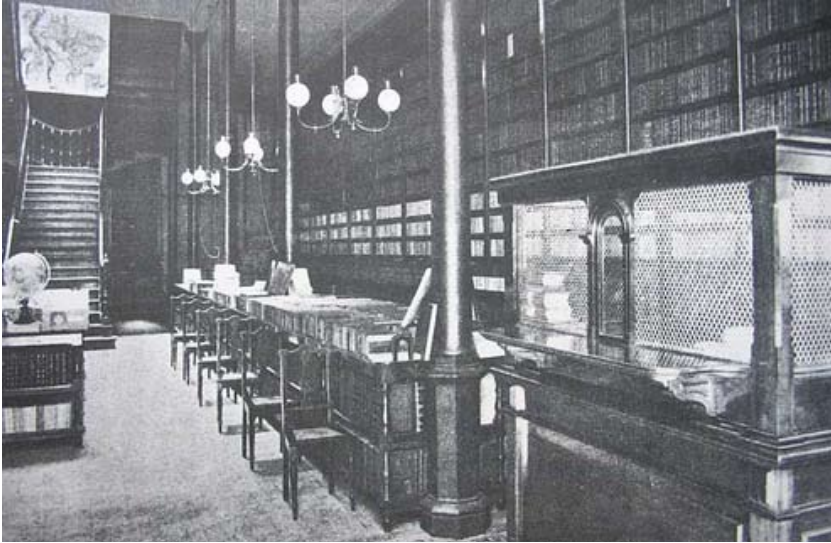
2 Uma primeira versão desse texto foi apresentada oralmente em uma mesa-redonda, ocorrida no dia 26 de setembro de 2008, em “Machado de Assis nos trilhos de Viçosa”, evento comemorativo do centenário de morte do autor, na cidade de Viçosa/MG, promovido pela Universidade Federal de Viçosa/UFV.

No Brasil, podemos citar o exemplo de Machado de Assis, que, ainda em seu primeiro livro de poesias, **Crisálidas**, teve a sorte de merecer o agrado do já renomado editor francês Baptiste Louis Garnier, estabelecido no Rio de Janeiro. No entanto, nem todos podiam contar com tal ventura e, por isso mesmo, sobre B. L. Garnier foram tecidas duras críticas acerca da seleção de autores contemplados com seu selo, uma vez que, dizia-se, ele não editava escritores desconhecidos. Um bom exemplo dessas críticas foi a que escreveu Arthur Azevedo, no jornal *O Álbum*, em 07 de Outubro de 1893:

Mas a verdade é que elle só acolhia de braços abertos os escriptores que lhe entravam na casa com reputação feita, e ainda a estes pagava sabe Deus como. Não tirou nenhum nome da sombra, não estendeu a mão a nenhum talento desconhecido. Quando algum moço obscuro o procurava, ouvia: ‘cresça e apareça’. Se o pobre diabo realmente crescesse e apparecesse, poderia contar com o editor. (apud PINHEIRO, 2007, p.39)

Como se vê, publicar tendo Garnier como editor parece não ter sido algo fácil para os escritores oitocentistas, o que talvez justifique que os contemplados folgassem ao consegui-lo. José de Alencar, por exemplo, em **Como e por que sou romancista**, comentou a respeito, com certo alívio: “Ao cabo de vinte e dois anos de gleba na imprensa, achei afinal um editor, o Senhor B. Garnier, que espontaneamente ofereceu-me um contrato vantajoso em meados de 1870.” (ALENCAR, 1990, p. 70). O autor se refere ao contrato firmado em que se obrigava a negociar com o editor “a propriedade dos romances inéditos”, dos quais o primeiro foi **Diva**, livro que lhe rendeu oitocentos mil réis (800\$000) pela edição (PINHEIRO, 2007, p. 41).

Primeiro editor no Brasil a negociar uma remuneração pecuniária com os escritores com os quais trabalhava, Baptiste Louis Garnier dispunha ainda de um ponto de venda, em localização privilegiada na capital do Império, na Rua do Ouvidor, onde se escoava grande parte da literatura hoje canônica.



Livraria Garnier³

A livraria tinha vários concorrentes, desde outras grandes lojas como a Livraria dos irmãos Laemmert, como outros comerciantes menores. A historiadora Tânia Bessone informa alguns nomes de livrarias que mais apareciam em anúncios de propaganda no *Jornal do Commercio*, no ano de 1870: Garnier (Rua do Ouvidor, 69); Enciclopédica (Rua Gonçalves Dias, 72); E. e H. Laemmert (Rua do Ouvidor, 68); Cruz Coutinho (Rua São José, 75); Casa de uma Porta Só (Rua São José, 69); Luso Brasileira (Rua da Quitanda, 30); Dupont e Mendonça (Rua Gonçalves Dias, 75); Clássica (Rua Gonçalves Dias, 54); Econômica (Largo do Paço, C); Correia de Melo (Rua do Ouvidor, 183). (Cf. BESSONE, 1999, p. 83).

No caso das negociações dos escritores com Garnier, sabe-se que a remuneração aos primeiros era legalmente estabelecida, por meio de contratos em que se concediam os direitos de publicação de uma ou de todas as edições de certa obra, recebendo ora um valor estipulado por exemplar, ora uma quantia única pela concessão.

³ Imagem disponível no seguinte *site*, consultado em 26/10/2009: <http://www.flickr.com/photos/andre_so_rio/page8/>

Machado de Assis fechou contratos com o editor que lhe renderam, por exemplo, duzentos réis (\$200) por cada exemplar, de uma tiragem de mil, da primeira edição de **Contos Fluminenses**, em 1865; e duzentos e cinquenta mil réis (250\$000) pela segunda edição (1.100 exemplares) de **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, em 1896 (PINHEIRO, 2007, p. 42-3).

Consultando outras leituras, podemos verificar que os valores recebidos nessas negociações podem parecer baixos se comparados com a remuneração de outras atividades artísticas. Machado de Assis, em crônica publicada na revista *Ilustração Brasileira*, em 1876, comentou, em tom de pilhéria, o cachê de oito contos e oitocentos mil réis (8.800\$000) mensais, recebido mensalmente por um tenor em passagem pelo Rio de Janeiro na época:

Ao preço elevado dos bilhetes corresponde o dos vencimentos dos cantores. Só o tenor recebe por mês oito contos e oitocentos mil réis! Não sei que haja na crítica moderna melhor definição de um tenor do que esta dos oito contos, a não ser outra de dez ou quinze. Que me importa ouvir as explicações técnicas dos críticos para saber se o tenor tem grande voz e profundo estudo? Já sei, já sabemos todos, ele tem uma voz de oito contos e oitocentos, devo aplaudi-lo com ambas as luvas, até arreventá-las. (ASSIS, 1953, p. 96-97)⁴.

O valor do cachê a ser pago para o tenor supera os oito contos de réis (8.000\$000) que Machado de Assis só receberia em 1889, como salário anual, no cargo de diretor geral da Diretoria do Comércio⁵.

Ainda que os pagamentos designados não fossem os almejados, há que se admitir que conseguir publicar um livro na Garnier atribuiria certo valor ao autor que o colocaria em posição vantajosa no cenário da época, pelo próprio nome do editor, já revestido do que poderíamos chamar de capital simbólico, na linha dos estudos de Pierre Bourdieu (Cf.

4 A crônica citada data de 01 de Agosto de 1876. Agradeço a Cristiano Sávio Mariano pela indicação do trecho, retirado das crônicas machadianas da revista *Ilustração Brasileira*, seu objeto de estudo.

5 Cf. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 3, n. 36, setembro, 2008.

BOURDIEU, 1996). Por outro lado, as relações profissionais entre editor e autor também rendiam lucros não financeiros para Garnier que, por sua vez, tornava-se mais conhecido na medida em que publicava nomes de prestígio.

As contribuições de Garnier para as letras brasileiras, editando autores nacionais, por exemplo, lhe renderam a comenda da “Ordem Imperial da Rosa”, em 16 de março de 1867 (Cf. PINHEIRO, 2007). Um círculo de valorização, então, se formava, ampliando o reconhecimento tanto do autor como do editor, que garantia, ainda, aumento das receitas financeiras. Além disso, boa parte das publicações de sua casa editorial contava com um cuidado na confecção dos volumes, atentando para a qualidade material dos livros, o que contribuía para sua valorização.

Outros nomes foram editados por esse francês, que, por questões econômicas e alfandegárias, mandava os livros para serem impressos em sua pátria, conquistando a inimizade dos tipógrafos nacionais. As impressões eram feitas na França, sobretudo porque o imposto alfandegário que incidia sobre o livro impresso era menor que o referente ao papel em branco. Ademais, as melhorias no transporte ultramarino, como o uso dos navios a vapor, diminuía o tempo de viagem entre Europa e Rio de Janeiro, que, em 1851, por exemplo, era de 22 dias (HALLEWELL, 1985, p. 129)⁶.

Quando do livro pronto, o próprio editor se encarregava da divulgação, enviando exemplares para diversos jornais, tanto na Corte, como nas províncias, a fim não só de receber os agradecimentos e os comentários, mas também de aumentar o campo de atuação de seu comércio. Ozângela de Arruda Silva, que se debruçou sobre jornais da província do Ceará, analisando a circulação de livros na cidade de Fortaleza, nos noticia sobre o envio de livros ao jornal *Cearense*:

Em 1875, o livreiro-editor [Garnier] doou: *O Dr. Ox*, Júlio Verne; *Mademoiselle de Maupim*, Th. Gauthier; *Mlle. Clopatra*, Arsène Houssaye; *Ubirajara*, José de Alencar;

6 Acerca das condições de trabalho dos tipógrafos e de suas reivindicações quanto ao incentivo às impressões feitas no país, ver VITORINO, Artur José Renda. ***Máquinas e operários: mudança técnica e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912)***. São Paulo: Ed. Annablume/FAPESP, 2000.

Senhora – perfil de mulher, José de Alencar; Seis novellas de Th. Gauthier; *O Abandonado*, 2ª parte da *Ilha Misteriosa*, Júlio Verne; *Romance da Duqueza e Sertanejo*, José de Alencar. (SILVA, 2008, p. 230)

Seguindo uma tendência empreendida pelas livrarias desde o início do século, B. L. Garnier também anunciava aos leitores da Corte do Rio de Janeiro os seus livros, em catálogos especialmente preparados pela casa (Cf. QUEIROZ, 2008) ou em importantes jornais da época, como o *Jornal do Commercio*.

A imprensa periódica, assim, assumiu, além da função de divulgadora de notícias, o papel de veículo de propaganda de produtos diversos, entre os quais os livros, bem como de entretenimento. A estreita relação entre literatura e imprensa que se deu no século XIX tem seu maior exemplo nos chamados folhetins, rodapés das páginas dos jornais, que, a princípio, traziam variedades e que se estabeleceram como espaço de publicação de narrativas em forma seriada.

A aliança comercial entre os redatores dos jornais e os autores garantia a venda dos exemplares periódicos, satisfazendo também o interesse do escritor em divulgar suas obras ficcionais, bem como seu nome. A partir de 1838, o *Jornal do Comércio*, publicou fragmentos de romances, cuja leitura virou moda entre os consumidores do jornal⁷. Para se fazer conhecido, então, uma das alternativas era a de que um autor precisava estabelecer relações com pessoas ligadas aos jornais, veículos alternativos de divulgação de seus escritos. De acordo com a pesquisadora Valéria Augusti, autora de interessante artigo sobre os percursos de profissionalização dos autores oitocentistas e suas intrínsecas relações com os jornais da Corte, era mesmo o jornal o lugar de divulgação das obras e dos autores, no qual os homens de Letras tentavam primeiramente se fazer conhecidos (Cf. AUGUSTI, 2007, p. 93-121).

Concluindo, a literatura brasileira oitocentista, além da inspiração, da técnica e das qualidades estéticas, era também composta de negociações e valores financeiros.

7 Sobre folhetins, relembro o já bastante conhecido livro: MEYER, Marlyse. **Folhetim: Uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Os autores, profissionais de outras áreas, que dividiam seu tempo dedicando-se também a escrever poesia, prosa, crônica e crítica, buscavam uma colocação no prestigiado círculo literário da capital do Império. Nessa perspectiva, alcançar uma posição de destaque muitas vezes dependia de que eles estivessem incluídos numa rede de amizades e de relações profissionais. Contexto, ousamos dizer, não muito distante do que percebemos na contemporaneidade.

Referências

ALENCAR, J. de. **Como e porque sou romancista**. Campinas, SP: Pontes, 1990.

ASSIS, M. de. História de Quinze Dias. In **Obras completas de Machado de Assis: Crônicas**. 3º Volume (1871-1878). São Paulo: W. N. Jackson Inc. Editores, 1953.

AUGUSTI, V. Mercado de letras, mercado dos homens. **Revista de História Regional**. 12 (2). 93-121. Paraná: UEPG, 2007.

AZEVEDO, Arthur. O Álbum, 07 de outubro de 1893. *apud* PINHEIRO, A. S. **Para além da amenidade : o Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção**. Tese de Doutorado. Unicamp/IEL/Depto. de Teoria e História Literária. [s/n], 2007.

BESSONE, T. **Palácios de destinos cruzados: Bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

BOURDIEU, P. O mercado de bens simbólicos. In: **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GUIMARÃES, H. de S. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19**. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

HALLEWELL, L. **O Livro no Brasil**. Trad. do Inglês Maria da Penha Villalobos e Lolio Lourenço de Oliveira. São Paulo, SP: T. A. Queiroz, EDUSP, 1985.

MEYER, M. **Folhetim: Uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PINHEIRO, A. S. **Para além da amenidade : o Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção**. Tese de

Doutorado. Unicamp/IEL/Depto. de Teoria e História Literária. [s/n], 2007.

Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 3, n. 36, setembro 2008.

QUEIROZ, J. M. de. Em busca de romances: um passeio pelo catálogo da livraria Garnier. In: ABREU, M. A. (org). **Trajetórias do Romance. Circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX.** Campinas: Mercado de Letras, 2008.

SILVA, O. de A. Lugares de compra, itinerários de leitura: circulação de romances em Fortaleza oitocentista. In: ABREU, M. A. (org). **Trajetórias do Romance. Circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX.** Campinas: Mercado de Letras, 2008.

VITORINO, A. J. R. **Máquinas e operários: mudança técnica e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912).** São Paulo: Ed. Annablume/FAPESP, 2000.

Recebido em 30/10/2009

Aceito em 30/11/2009